

A GUERRA CONTRA OS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA PARAENSE – UMA ANÁLISE DA GUERRA CONTRA O Povo CAIAPÓ NO TERRITÓRIO LAS CASAS -PA

II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia, 2^a edição, de 09/06/2021 a 11/06/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-54-8

AMARAL; Alberto da Silva¹, GARCÉS; Claudia Leonor López²

RESUMO

GT3. TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES NA AMAZÔNIA: TEORIAS, PROCESSOS E CONFLITOS A presente comunicação buscar apresentar a questão da **Guerra** entre Mêbêngôkre-Kayapó no território Las Casas, grupo indígena do tronco linguístico Jê, que nas palavras da antropóloga Juliana Melo: “Os Kayapó da Terra Indígena Las Casas são classificados como Kayapó Setentrionais ou do Norte, que habitam a área etnográfica denominada Tocantins-Xigu”. Este território está situado na região Sudeste do Pará, abrangendo os municípios de Redenção, Pau D’arco e Floresta do Araguaia, região fortemente marcada pelos conflitos fundiários, uma triste realidade no Estado do Pará. Por esta razão, busco refletir a temática da Guerra neste processo de neocolonização da Amazônia, ressaltando que este problema não é da ordem do agora, como veremos, essa situação ocorre desde o processo de colonização na federação brasileira. Mas, para esta etnia, existe um triste significado, pois neste mesmo território, no início do século XX, o povo Irã Ámranh que habitava esta região foi extinto por volta de 1930. Até hoje este território indígena é rodeado por fazendas, o que aumenta ainda mais os conflitos naquela região. Este cenário de ataque contra os povos indígenas, podemos afirmar que está imbricado com a História do Brasil e esses conflitos não são apenas história do passado. Infelizmente estes conflitos ainda estão presentes em nossa história que cada vez mais é escrita pela dor e pela luta dos povos indígenas. Para exemplificarmos esta violência e miséria basta olharmos para a situação dos povos Guarani e Kaiowa e a constante luta desses povos na tentativa de recuperar os que lhe foi tomado pela ganância do homem “branco”. E esta luta não difere entre os Mêbêngôkre-Kayapó do TI Las Casas. Antes de adentramos em nosso objeto de análise, gostaríamos de refletir sobre a luta cosmopolítica “dos Guarani e Kaiowa em busca do tekoha – a terra sem males, tem por objetivo curar os males agora presentes na natureza que o “homem branco” provocou através das práticas comerciais na ânsia por riquezas e poder”- (FERREIRA, 2020: 23). Para esses indígenas, uma vez retomada a terra sem males, o xamã trará de volta os bichos e os indígenas que poderão plantar, colher e praticar rituais numa terra farta como a de seus antepassados. Percebemos que estes conflitos se repetem ao longo da história, muitas vezes ouvimos que tais questões já foram superadas, no entanto, o que percebemos é a ausência do Estado Brasileiro, os conflitos de interesses entre os órgãos que regulam e fiscalizam as políticas de reconhecimento dos territórios indígenas e acabam desrespeitando o direito e o reconhecimento da Terra Indígenas resultando em fortes conflitos entre as partes. Sobre essas questões, Pierre Clastres (2003) apresenta o modo de pensar ocidental utilizado nas sociedades não ocidentais, sobretudo quando se faz comparações, como: são sociedades sem Estado, sem escrita, sem história, dentre outras situações. Essa reflexão de Clastres de que falta algo só existe se analisarmos as sociedades não-ocidentais sob o ponto de vista ocidental. Se pensarmos nos moldes atuais, concluiremos que “[...] Por trás das formulações modernas, o velho evolucionismo permanece na verdade intacto” (CLASTRES, 2003:208). Há um evolucionismo cultural que ainda persiste no imaginário brasileiro, sobretudo pela classificação selvagem e civilizado, que é expressa em ações pejorativas e discriminatórias para os povos indígenas, que tem constantemente sofrido essa realidade na pele vivendo

¹ Universidade Estácio/ Museu Paraense Emílio Goeldi, albertoamaral@gmail.com

² Museu Paraense Emílio Goeldi, clapez@museu-goeldi.br

sob o lema “resistir para existir”. Dialogando com Juliana Melo (2003) evoco as reflexões de Cesar Gordon (2006) que em seu “Economia Selvagem” nos apresenta as tipologias de guerras entre os Mebêngôkre.¹ Em diálogo com o pensamento de Verwijver (1992), Gordon (2006) nos apresenta com detalhe essa questão “[...] guerra interna (guerra entre comunidades políticas, e culturalmente similares – isto é, basicamente as guerras entre os grupos Mebêngôkre) e “Guerras externas” (realizada contra os grupos considerados culturalmente distintos, isto é, não Mebêngôkre. (GORDON, 2006: 124). E por essa razão iniciamos nossas análises a partir das “guerras externas”, os conflitos entre os homens brancos e os Mebêngôkre. É necessário ressaltar a importância da guerra que os Cayapó vivenciaram no Território Las casas e com a qual e convivem até os dias atuais, estas são fundamentais para a pesquisa, uma vez que sem esse passado não conseguíramos compreender o presente, mesmo que para isso tenhamos que perceber essa história de modo anacrônico. Do mesmo modo que não podemos nos esquecer algumas particularidades dos Kayapó de Las Casas que “enfatizam, desde o início, para a importância da criatividade, da subjetividade e da criação de relações interpessoais agradáveis. De outro modo, apontaram, ainda, para a necessidade de uma reflexão constante entre estrutura e prática, entre aspirações individuais e coletivas – que devem ser pensadas de modo complementar” (MELO, 2004: 21).² Diante das reflexões citadas acima, podemos notar o quanto os ataques dos homens brancos foram decisivos para o Etnocídio dos Mebêngôkre-Kayapós nos momentos históricos distintos. No primeiro momento o extermínio dos Irã Ámrānh e depois na ausência das instituições estatais ou mesmo na ausência do Estado Brasileiro. Ao adentrarmos sobre a temática da Guerra entre os Kayapó, vamos perceber que o conceito de *Etnocídio* nos auxilia em nossas reflexões nesse primeiro momento, onde percebemos a ausência do Estado em relação aos Indígenas da TI Las Casas, no entanto, ressaltamos que esse problema é muito mais complexo do que imaginamos, uma vez que, ao avançarmos na pesquisa percebemos que essa Guerra ocorre também de modo externo, como bem nos mostrou Gordon (2006), ou seja, a Guerra dos homens brancos/Estado contra os indígenas – do mesmo modo que encontramos uma Guerra Interna (entre os próprios Mebêngôkre), questões as quais iremos analisar nos próximos meses de pesquisa. Deixemos claro que cada aldeia Mebêngôkre tem suas particularidades e, todas nossas análises giram em torno dos Kayapó que habitam Las Casas. No entanto, não podemos deixar de perceber no Brasil o papel do genocídio indígena no processo de aniquilação dos povos indígenas e isto não ocorre apenas em terras Mebêngôkre, uma vez que, desde o início do século XX, a documentação analisada nos revela que as demandas por justiça reparativa não deram espaço como se deveria para que se pudesse compreender o Etnocídio dos povos indígenas. Ressaltando que, para aqueles que vivenciaram ou vivenciam com os constantes ataques dentro desse tempo-espacó, essas agressões contra a fisicalidade das pessoas, baseadas na concepção de indivíduo, a sugestão para refletirmos sobre outras violências que escapem a esse mundo, soa como desrespeitosa e fria. No nosso ponto de vista, trata-se de aceitarmos o peso envolvido em conviver cotidianamente com essas imagens da “matéria humana”. A constante sensação de que a cada palavra escrita ou reflexão deixamos escapar a “totalidade” dos fatos, não rendendo o digno tributo àqueles que foram massacrados anonimamente sem sabermos, na maioria deles, ao menos os seus nomes e sonhos.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra; Etnocídio, Mebêngôkre, Estado, Conflito

¹ Universidade Estácio/ Museu Paraense Emílio Goeldi, albertoamaral@gmail.com

² Museu Paraense Emílio Goeldi, clapez@museu-goeldi.br